

## LAGOLÂNDIA: UM ESPAÇO RELIGIOSO GOIANO

*Erick Tavares Silva<sup>1</sup>*

*João Guilherme da Trindade Curado<sup>2</sup>*

**Resumo:** A capela de Nossa Senhora da Conceição foi erigida no início do século XX, nas terras da Fazenda Mozondó, situada no município de Pirenópolis/GO, e que eram propriedade da família Cipriano Gomes. Inicialmente a capela servia à comunidade rural principalmente por ocasião das comemorações festivas da santa padroeira cujo orago era destinado a pequena ermida. A terra não foi dada em patrimônio, uma prática bastante comum entre camponeses e a Igreja, relação esta que foi posteriormente abalada com o nascimento de Benedita Cipriano Gomes que no transcorrer de sua trajetória viria a se tornar a última líder messiânica brasileira. Dica, como era denominada por parentes, desde menina habitava o lugarejo e passou a ser conhecida pelas curas que praticava, fazendo com que ali se aglutinassem pessoas das redondezas, o que incomodou fazendeiros, médicos, políticos e principalmente a Igreja. Os embates foram diversos e complexos, o que contribuiu para que a fama da moça se alastrasse e a casa onde morava com a avó tornasse, também, ponto de referência e espaço religioso em Lagolândia. Assim, propomos uma breve investigação da “hierópolis” lagolandense, no intuito de melhor compreensão da história de um dos espaços religiosos goianos que é significativamente marcado por discórdias e devoções, festas e fé. Propomos uma breve descrição da vida de Benedita Cipriano Gomes, a “Santa Dica”, como foi pejorativamente chamada pela primeira vez na mídia da Igreja, e concomitantemente elaborar análises sobre o espaço de Lagolândia, diante das transformações e conflitos que tiveram lugar às margens do Rio do Peixe que circunda o povoado.

**Palavras-chave:** Lagolândia; Santa Dica, Espaço Religioso

Chantada a Cruz,  
com as armas e a divisa de Vossa Alteza,  
que primeiramente lhe pregaram, armaram altar ao pé dela  
(Carta de Pero Vaz de Caminha).

A materialização da religião cristã, então predominante nas duas potências mundiais da época das grandes navegações marítimas, se implantou nas colônias sem a menor preocupação com as culturas ali existentes. A cruz foi imposta pela força, uma vez que defendia também os domínios reais sob as novas terras.

---

1 Graduando em Tecnologia em Gastronomia pela UEG/Pirenópolis. Pesquisador no Projeto de Extensão “Egressos do Curso de Gastronomia em Pirenópolis” da Pró-Reitoria de Extensão Cultural e Assuntos Estudantis (PrE/UEG).

2 Doutor em Geografia pelo IESA/UFG, professor e pesquisador UEG/Pirenópolis. Projeto de Pesquisa Arte e Saberes nas Manifestações Católicas Populares – FAPEG. Grupo de Pesquisa Saberes e Sabores Goianos.

Com a ocupação das terras goianas verifica-se a mesma prática, mesmo que em contexto diferenciado. Nas primeiras décadas do século XVIII, os bandeirantes que chegaram às margens dos rios: Vermelho, das Almas, Corumbá, Jaraguá e tantos outros tinham por objetivo o ouro, mas seguindo as ordens régias instalavam capelas improvisadas aos santos padroeiros do dia da chegada, que acabavam por compor a denominação das localidades das minas, como nos dois primeiros casos: Vila Boa de Santana e Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte. Sendo que esta última subordinava as terras de Corumbá de Goiás, sob o orago de Nossa Senhora da Penha de França (Curado, 2004) e Jaraguá também tendo por padroeira Nossa Senhora do Rosário.

O espaço religioso ocupava posição mais alta em relação aos espaços de mineração e era delimitado pela ereção de uma Igreja Matriz em um largo, estrutura que remete à Carta Régia de 1736, destinada a Goiás, que conforme Coelho (1996, p. 12-13) implicava em: estabelecer espaço para o pelourinho, para a igreja, assim como para a Casa de Câmara e a cadeia.

Grande parte das cidades goianas do período da mineração conta com a mesma diretriz urbanística e geralmente quando havia significativa quantidade de ouro os núcleos se desenvolviam no sentido paralelo às margens dos rios. Sobre a dinâmica de ocupação inicial temos que: “nos vinte primeiros anos da mineração, quase todo o território de Goiás foi percorrido e vasculhado pelas bandeiras que, durante o tempo da seca, procuravam novos ‘descobertos’ de ouro e só surgiram arraiais e de fixaram populações onde o ouro foi encontrado” (Palacín; Moraes, 2008, p. 23).

Em Pirenópolis, então Meia Ponte, a situação não foi adversa. A mineração não se limitou ao núcleo urbano, situado junto ao Rio das Almas. Outras áreas localizadas nas proximidades de córregos, riachos e rios também foram ocupadas conforme indicam estudos sobre a concessão de sesmarias em Goiás (Silva, 1996).

Dentre estas áreas destacamos as terras que margeiam o Rio do Peixe, que nasce junto a Serra dos Pireneus e desemboca no Rio Maranhão. O trecho situado sob os domínios meiapontense foi revirado e ocupado em busca do ouro, como o núcleo da Capela do Rio do Peixe, como demonstrou Lôbo (2011), inclusive com relato de conflitos envolvendo um padre minerador.

Distante apenas sete quilômetros da Capela do Rio do Peixe e 37 Km de Pirenópolis, a região da antiga Fazenda Santo Antônio do Rio do Peixe, que pertenceu ao capitão lusitano Antônio Pires Farinha (Jayme; Jaime, 2002), foi desmembrada inúmeras vezes por ocasião de

inventários familiares ao longo de gerações, chegando à Fazenda Mozondó, que junto com outras pequenas propriedades reorganizaram esta área banhada pelo Rio do Peixe.

A definição de região utilizada ao longo do texto é compreendida segundo Frémont, para quem a região constitui-se no “espaço que podemos visitar sem nos sentirmos incomodados” (1980, p. 168). Enfim, sendo um espaço familiar e de conhecimento recíproco entre espaço-pessoa. Essa é a compreensão

Atualmente são dez os povoados pertencentes ao município pirenopolino, dois deles mantém o Rio do Peixe como referencial: Capela do Rio do Peixe e Lagolândia que é circundada pelo mencionado rio.

### **Lagolândia: uma hierópolis**

Entendemos que “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente” (Eliade, 1992, p. 13) da vida cotidiana e ordinária das populações. Utilizaremos o termo hierofania ao indicarmos o que Eliade explicou como sendo ato da manifestação do sagrado” (1992, p. 13); segue ele explicando que

este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas (Eliade, 1992, p. 13).

Ainda refletindo sobre as questões pertinentes às hierofania nos deparamos com o fato de que “todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (Eliade, 1992, p. 20). Distinções que acabam por coordenar, inicialmente, a constituição ou a urbanização de alguns aglomerados rurais, no caso o goiano.

Há concordância de que “a manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo” (Eliade, 1992, p. 17), pois, completa o autor: “a hierofania revela um ‘ponto fixo’ absoluto, um ‘Centro’” (Eliade, 1992, p. 17).

Partimos dos estudos do romeno Eliade que foi bastante utilizado pela brasileira Zeny Rosendahl, a quem coube desenvolver, inicialmente, nos estudos geográficos produzidos no Brasil, o conceito de: cidade-santuário ou hierópolis. A referida autora define por hierópolis: “aqueles lugares considerados sagrados por uma dada população local, regional ou nacional”

(Rosendahl, 2009, p. 9). Ressalta ainda que para estas localidades, o fluxo de pessoas em peregrinação é uma constante.

Diante das argumentações que definem a hierópolis, propomos uma análise não muito aprofundada sobre o distrito de Lagolândia, pertencente ao município de Pirenópolis (Goiás).

O núcleo populacional teria, de acordo com Vasconcellos (2013) surgido nos momentos iniciais do século XX, proveniente da devoção a Nossa Senhora da Conceição, que passou a orago da improvisada capelinha de palha erigida nas proximidades da sede da fazenda Mozondó, que aglutinava a matriarca da numerosa família Cipriano Gomes.

Nossa Senhora da Conceição passou a delimitar um espaço, por meio da capela, a comunidade passou a se encontrar para orações e posteriormente os padres se fizeram presentes para as celebrações, uma vez que o contexto inicial do século XX havia uma preocupação em evitar os excessos do chamado catolicismo popular.

Os encontros devocionais voltados para a Imaculada Conceição era feita basicamente pelos membros da família Cipriano Gomes, mas atraíam ainda vizinhos e agregados que moravam em fazendas vizinhas, e logo tiveram a iniciativa de ampliar e consolidar a devoção, por meio da construção de uma capela que abrigasse os devotos, pois dezembro em Goiás é a estação das chuvas.

A festa foi se ampliando em dias de rezas, ora com missa ora apenas com celebrações feitas por integrantes da própria comunidade, pois havia falta de representantes do clero, que somadas às dificuldades de acesso por estradas castigadas pelas chuvas, acabavam por colaborar para o quase isolamento daquele pequeno conglomerado de pessoas.

A família Cipriano Gomes não doou as terras para a santa, ou seja para a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis, fugindo de uma premissa bastante praticada quando da instalação de uma capela em terras que pertenciam a uma família e que tinha por objetivos constituir um povoado.

Vasconcellos (2013) relembra que os integrantes da comunidade eram pessoas de alguma posse, mas que se dedicavam aos trabalhos do campo, visando quase sempre apenas a subsistência. Possuíam uma fé acentuada e na dificuldade de se locomoverem para Pirenópolis por ocasião das celebrações religiosas, propuseram a suprir esta necessidade ali mesmo na capela de Nossa Senhora da Conceição que colaboraram para erguer.

O giro paroquial era extenso, o que dificultava a presença de um representante da Igreja em intervalos curtos. Geralmente, segundo o Livro de Tombo da Matriz, o trajeto era anual, e nem sempre coincidia com a festa que era realizada na capela em questão.

A ocupação do pequeno povoado ocorre simultaneamente ao crescimento da pequena menina Benedita Cipriano Gomes, que morava com a avó no núcleo, sendo que seus pais trabalhavam na lida do campo e moravam na pequena propriedade ali próxima.

A confluência da população se dava em direção à capela de Nossa Senhora da Conceição, o que era mais frequente aos domingos, dias santos e também festas da Igreja Católica.

Mas com o passar do tempo a casa de Dica, como era denominada Benedita Cipriano Gomes, passou a também ser frequentada por pessoas, uma vez que a menina tinha sonhos, visões e palestrava com os anjos. O que deixava a comunidade intrigada, mas ao mesmo tempo curiosa e orgulhosa.

As pesquisas sobre Dica são muitas e a maioria implica na investigação ligada ao curandeirismo e no misticismo. Foram estes quesitos que a fizeram conhecida. Mas o messianismo também se fez presente, uma vez que consegue um reconhecimento significativo, não só em Goiás, mas ainda pelo Brasil, atraindo grande número de pessoas para Lagolândia.

Diante deste fato, é possível perceber as alterações da religiosidade pelo espaço lagolandense, pois Dica, católica praticante, reúne pessoas não só durante as celebrações ministradas na capela, mas também nas reuniões que aconteciam na casa de sua avó Izabel, com quem morava.

Sobre sua trajetória enquanto líder vale resaltar que:

seu aparecimento como curandeira, transformando-a em alvo de admiração dos sertanejos ou mesmo dos litorâneos, se dá nos primeiros anos da década de 1920, quando, acometida de um mal desconhecido, cai gravemente enferma. Após tentar os recursos locais, chás e simpatias, é tida como morta ao final de três dias de prostração. Ressuscita, no entanto, ao lhe ser dado o tradicional banho dos defuntos (Vasconcellos, 2013, p. 118).

É interessante pensar neste mito fundador, pois há informações de que todos estes fatos tenham ocorrido dentro da casa por ela habitada, o que acabava por gerar uma áurea de um espaço especial que será pautado pela religiosidade popular por ela conduzida.

A residência familiar passa a ser denominada de Salão, pois era um centro de recepção de pessoas da comunidade e de outras que se deslocavam dos mais variados lugares para poderem encontrar com Dica, que ministrava orações para alguns e para outras beberagens, feitas a partir das águas do Rio do Peixe, que era constantemente também denominado por

Rio Jordão, conforme relatos, por exemplo, de Rezende (2011), uma pesquisadora moradora da comunidade de Lagolândia.

Continua a autora informando que:

Dica, no entanto, oferecia não somente a cura dos males físicos, mas passa a cuidar desses peregrinos com alimentação, abrigo, moradia. Em volta de sua casa foram se erguendo todo tipo de construção: ranchos de pau-a-pique, cobertos de palha de buriti que era farto na região, de lona e palha de arroz, e logo surgem as primeiras construções de alvenaria (Rezende, 2011, p. 17).

A ampliação das construções e de fluxos de pessoas para Lagolândia passa a não só chamar a atenção dos poderes constituídos, mas estes, diante do fato, e pela inexperiência de outra manifestação de vulto tão significativo, passam a tomar as providências que acham cabíveis.

Os fazendeiros próximos começam a perder a mão de obra dos antigos agregados, pois estes preferem se deslocar para as terras do Mozondó, onde podiam cultivar a terra e ficar com os lucros da produção, segundo relatos das ações praticadas em Lagolândia naquele contexto, relatados tanto por Vasconcellos (2013) quanto por Rezende (2011).

Os políticos temiam a liderança carismática que ali surgia, ainda mais sendo uma mulher e que não aceitava conchavos com os então coronéis locais, um resquício que insistia em batalhar pela permanência do poder.

A Igreja, aliada à política, via-se pressionada a tomar iniciativas, uma vez que Dica era acusada de curandeira, uma prática bastante combatida desde épocas anteriores no Brasil, de acordo com Del Priore (2014), em estudos sobre a história do sobrenatural no país.

Diante deste cenário, o espaço de Lagolândia passa a ser uma representação negativa para os poderes constituídos à época. Mas para a comunidade e para as pessoas que para lá se deslocam, aquele espaço era uma busca de melhorias a serem conduzidas pelas iniciativas de Dica.

Diante de todos estes conflitos, Dica ministrava o batismo e ainda o casamento aos interessados. Geralmente sendo madrinha em ambas as ocasiões. Os batismos, geralmente aconteciam na noite de São João, ao redor da fogueira e finalizados no Rio do Peixe, daí sua analogia com o Rio Jordão, como também era denominado localmente. Os casamentos eram ministrados nas residências dos noivos, ou no Salão.

A integração comunitária era grande e intensificada pelo extenso calendário festivo (Curado, 2011), quase todo ele implantado por Dica. As festas do catolicismo eram quase

todas populares, pois cada vez menos o clero se fazia presente em Lagolândia, pois temia embates diretos com os que ali moravam.

### **Referências Bibliográficas**

Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil. Texto Integral. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

COELHO, Gustavo Neiva. Goiás: uma reflexão sobre a formação de espaço urbano. Goiânia: Ed. UCG, 1996.

CURADO, João Guilherme. Lagolândia: paisagens de festa e de fé: uma comunidade percebida pels festividades. Tese (Doutorado em Geografia), IESA/UFG, Goiânia, 2011.

CURADO, Ramir. Todos os caminhos levam à Capela de Corumbá: formação do espaço urbano de um arraial aurífero. In: CHAUL, Nasr Fayad; DUARTE, Luis Sérgio (Orgs.). As cidades dos sonhos: desenvolvimento urbano em Goiás. Goiânia: Ed. Da UFG, 2004. pp. 203-253.

DEL PRIORE, Mary. Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014.

ELIADE, Micea. O sagrado e o profano. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRÉMONT, Armand. A região, espaço vivido. Trad. António Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

JAYME, Jarbas; JAIME, José Sizenando. Casas de Pirenópolis: casas de Deus e casas dos Mortos. Goiânia: UCG, 2002.

Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis: 1928-1956. Pirenópolis. (Manuscrito).

LÔBO, Tereza Caroline. Capela do Rio do Peixe em Pirenópolis/Goiás: um lugar de festa. 2011. (Doutorado em Geografia). IESA/UFG, Goiânia, 2011.

PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. 7. ed. Goiânia: Ed. UCG/Ed. Vieira, 2008.

REZENDE, Waldetes Aparecida. Santa Dica: história e encantamentos. 2 ed. Goiânia: Kelps, 2011.

ROSENDAHL, Zeny. Hierópolis: o sagrado e o urbano. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

SILVA, Edma José. Sesmarias: Capitania de Goiás 1726-1770. (Dissertação em História). UFG, Goiânia, 1996.

VASCONCELLOS, Lauro de. Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo. 2. ed. Goiânia: Editora UFG, 2013.